

LEITURA: UMA BUSCA DO PRAZER EM LER

Autoras: Ana Cátia Alves da SILVA (Aluna do PROFLETRAS- UERN)

anacatiacr@hotmail.com

Ana Maria Fernandes ANACLETO (Aluna do PROFLETRAS)/ UERN)

anamariauirauna@hotmail.com

Maria do Socorro Oliveira DIAS (Aluna do PROFLETRAS- UERN)

corrinhadias@hotmail.com

Coautor: Prof. Dr. Constantin Xypas (Professor do PROFLETRAS/UERN)

constantin.xypas@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões acerca do ensino de leitura pautado em estratégias de leitura, bem como a descrição e os resultados de uma atividade prática de leitura – Leitura protocolada – na qual, alunos do 9º ano do Ensino Fundamental foram instigados a fazer uma leitura dirigida a fim de proporcionar maior empenho e desenvoltura no processo da leitura. O objetivo da atividade era propor a reflexão sobre novas possibilidades de se trabalhar a leitura na perspectiva de formação de leitores ativos e sujeitos conscientes de seu papel diante do texto, promovendo também o resgate do prazer na atividade leitora. Após a aplicação da Leitura protocolada em sala de aula, observamos que os resultados foram positivos na medida em que notamos engajamento e participação construtiva dos alunos mediante o que foi proposto.

Palavras-chave: Leitura. Ensino. Motivação.

INTRODUÇÃO

Sabendo que ler é adentrar outros mundos possíveis, é questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura crítica (LERNER, 2002), partimos dessa assertiva e nos propusemos investir numa nova possibilidade de ver e fazer a prática pedagógica para envolver os alunos com a prática da leitura em sala de aula, exaltando as experiências exitosas como ponto de partida para a superação das dificuldades recorrentes.

Esse novo olhar encontra respaldo nos estudos de Solé (1998) que apresenta proposições acerca do ensino de leitura, de Kleiman (2013) que introduz o professor nas teorias sobre a compreensão do texto, também de Bamberger (1987) que versa sobre a motivação para o hábito da leitura, e em Costa (2007), que defende que o prazer pela leitura deve ser ensinado, trabalhado e experienciado para que venha a ser parte indissociável das práticas sociais do aluno e não apenas um requisito para a aquisição dos conhecimentos necessários a sua convivência em sociedade.

Muitos estudos versam sobre a leitura, mas a maioria deles têm como foco principal as deficiências. Nesse trabalho, não procuramos apontar nem analisar falhas na leitura, mas sim mostrar casos de sucesso do ensino-aprendizagem de leitura mediante o trabalho sistematizado de estratégias que visam promover a leitura e tê-la como uma fonte de prazer e emoção. A nossa escolha foi pela estratégia de leitura conhecida como Leitura Protocolada proposta na revista “Na ponta do lápis” de Agosto de 2013.

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de registrar e divulgar as práticas exitosas de leitura empreendidas em três turmas de 9º ano nas escolas em que atuamos – Escola Estadual Zenon de Sousa na cidade de Umarizal/RN, Escola Municipal Manoel Viana dos Santos em Belém do Brejo do Cruz/PB e Escola Estadual Coronel Fernandes em Luís Gomes/RN – como parte do Projeto de incentivo e promoção do hábito prazeroso de leitura em sala de aula, que se articula com os conteúdos do programa da disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

Inicialmente, faz-se necessário fazermos um apanhado das proposições teóricas que possam nos auxiliar na compreensão e reflexão acerca do ensino e motivação da leitura em sala de aula, das perspectivas para a formação de leitores e amantes da leitura. Precede a esse momento a investigação e a reflexão das razões que levam o aluno a ler, das motivações que continuam prendendo a atenção do aluno em tempos de complexidade (MORIN, 1999). No arremate da discussão procuramos mostrar, mediante as reflexões de Solé (1998), como utilizar as estratégias de leituras no planejamento e empreendimento de práticas de leituras eficientes e prazerosas. Para o segundo momento, reservamos o relato e a análise da prática de leitura mediante a utilização da estratégia de leitura já mencionada.

1 - RAZÕES PARA A LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES

A modernidade não facilitou apenas o acesso às novas informações, mas ditou o ritmo e a validade daquilo que lê e como se lê. O conceito de complexidade usado por Morin (1999)

explica a velocidade das informações veiculadas e da construção do conhecimento, a ponto de torná-lo superficial e obsoleto se não se ajusta aos ditames do relógio pós-moderno. Nessa ótica não basta apenas ensinar, o desafio é ensinar a gostar de ler, ler por prazer, ler o mundo e as suas construções. Nessa busca pelo prazer de ler o professor precisa dar aos alunos razões para ler. A formação de novos leitores depende da investigação dos motivos que levam os alunos a se interessar pela leitura e, sobretudo, do descortinamento do prazer que advém da prática diária da leitura que se constrói ainda no berço.

A leitura traz inúmeros benefícios para a sociedade dos quais podemos destacar o desenvolvimento da criticidade, a interação com meio, ampliação de informações e do vocabulário, entre outros. Ainda podemos dizer que sujeitos ativos, críticos e profissionais competentes, são frutos da leitura. É de nosso conhecimento também que mesmo conscientes de todos esses efeitos benéficos advindos da leitura, ainda notamos que falta muito para se obter dados satisfatórios no que concerne ao número de adeptos da prática da leitura em nossas salas de aula.

Partindo dessa noção de que a leitura é um dos meios mais importantes para que novas aprendizagens aconteçam e que haja a construção e o fortalecimento de ideias e ações, acreditamos que algo não vai bem para haver tanto desinteresse pela leitura. Ninguém nasce gostando de leitura e por essa razão, a influência dos adultos, ou seja, os pais e professores é de fundamental importância à medida que o indivíduo precisa de estímulos para interiorizar o gosto pela leitura. Solé (1998, p. 55), grande estudiosa do assunto, destaca:

A importância da leitura feita por outros reside em que contribui para familiarizar a criança com a estrutura do texto escrito e com a sua linguagem, cujas características de formalidade e descontextualização as distinguem da oral.

Daí a necessidade de o professor, especialmente, de Língua Portuguesa demonstrar o apreço pela leitura e procurar sempre dar à leitura um lugar especial em sua sala de aula, bem como estar pautado em concepções e metodologias que realmente propiciem ao educando, não somente uma compreensão daquilo que foi lido, mas também um prazer, um querer mais, um agir no e sobre o texto. Caso contrário, vamos apenas contribuir para o alargamento da lacuna existente entre aluno e leitor, bem como não estará sendo cumprido o papel da escola de mediar a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Ninguém nasce leitor, assim como aprendemos a falar, caminhar, escrever, ler, também nos tornamos leitores. Bamberger (1987, p. 70), no que diz respeito ao processo gradual de desenvolvimento do hábito menciona que: “Os hábitos são mais bem incorporados

se têm como base modelos de comportamento tirados do meio, ‘ideais’ apresentados pelos pais, professores e, sobretudo, pelo grupo que o jovem frequenta”. Logo, acreditamos que para se criar hábitos é necessário que haja situações motivadoras que levem a compreensão dos benefícios que determinado hábito proporciona, bem como à adesão a eles.

Nesse sentido, o sucesso na formação de leitores depende de maneira substancial da escola, pois como bem mostra Costa (2007, p. 96): “Aprender a ler requer que se ensine a ler. O modelo de leitor oferecido pelo professor e as atividades propostas para o ensino e a aprendizagem da leitura não são um luxo, mas uma necessidade”. Com essas palavras a autora ratifica mais ainda a responsabilidade do professor enquanto mediador, bem como sua competência para a mobilização da leitura em sala de aula.

Quando se fala em leitura queremos enfatizar a leitura não apenas como decifração do código escrito, mas que consista em uma aprendizagem e uma interação entre texto e leitor, ou seja, que o leitor participe ativamente e faça previsões, induções, enfim, que não fique passivo diante do que lê. Como bem mostra Solé (1998, p. 23):

Para ler, necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias, experiências, prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e pela nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.

Sendo assim, precisamos oportunizar diferentes leituras aos alunos, inseri-los nesse universo, e ainda mais, despertar o gosto, o aprendizado e a formação de cidadãos críticos, reflexivos e atuantes, embora não seja uma tarefa muito fácil, não é impossível explorar esse universo e torná-lo atrativo usando diferentes textos e estratégias que permitam essa leitura proficiente.

Agora mais do que nunca é imperativo incentivar o hábito da leitura em todos os níveis de ensino e em todas as classes sociais, popularizando o acesso aos livros e aos textos em geral, para podermos então ter uma sociedade leitora, consciente, atuante, informada e que tenha prazer ao realizar esse ato tão imprescindível ao desenvolvimento humano. Logo, se houver leitura, haverá mudanças positivas e crescimentos nas diversas situações, e conseqüentemente, o alargamento dos rumos de nossas vidas.

A leitura tem o poder de mudar o destino das pessoas. É a ponte para o sucesso no caminho traçado por gerações menos favorecidas da sociedade marginalizada. É dialogar com o tempo e viver experiências já vividas que só a leitura permite conhecer. Mas como fazer

com que nossos alunos percebam a importância da leitura, já que os meios tecnológicos como TV, celulares, vídeo games permitem muito mais diversão do que a leitura de um livro? O desafio é enorme, porém não podemos esmorecer diante dos fatos e buscar as mais variadas estratégias e os mais diferentes gêneros para que haja uma motivação e uma prática de leitura eficiente. ´

Para que o leitor possa ler o mundo ao seu redor, o professor como mediador entre o aluno e o texto, utilizando de uma prática pedagógica voltada para a formação do leitor, deve promover a ampliação da visão de mundo do mesmo a partir da valorização dos saberes individuais que trazem consigo, já que segundo Aguiar, (2007, p. 22), “inserir-lo na cultura letrada não é, necessariamente, negar a sua, mas somar, para que ele possa viver em todos os estamentos da sociedade e não fique recluso à periferia”. Sendo assim, podemos dizer que o leitor que tem um contato dirigido e interage com o texto, amplia sua visão de mundo e consequentemente, alarga suas possibilidades enquanto cidadão social.

Nesse sentido Rangel (2005, p. 35) nos diz:

[...] a forma com que a leitura é trabalhada, na escola ou mesmo fora dela, pode ou não favorecer a aquisição, a transformação e a produção do conhecimento não alienante, desencadeador do processo de participação crítica nas diferentes situações vividas pelo leitor. A leitura, então, envolve também um componente fundamental que é o movimento de conscientização e questionamento da realidade.

Como podemos perceber a leitura não deve ser pensada apenas como um componente escolar, mas como um processo que se bem trabalhado torna-se um poderoso instrumento de libertação dos indivíduos que permitirá mudar sua realidade e ascender em diversos aspectos de sua vida. Daí a necessidade de nós profissionais da educação nos preocupar cada vez mais em inserir de forma positiva e eficaz nossos alunos nesse mundo mágico que é o mundo da leitura. Nesse contexto, as estratégias de leitura se apresentam como uma importante aliada do professor no desafio de ensinar o gosto pela leitura.

2 - ESTRATÉGIAS DE LEITURA: UM CAMINHO A SER SEGUIDO

Ainda que de forma sucinta, consideramos relevante abrir essa discussão oferecendo ao leitor uma definição rápida daquilo que chamamos de estratégia, e mais estreitamente, do

que Solé (1998) chama de Estratégia de leitura, no que consiste uma estratégia e que papel ela desempenha no ensino do gosto pela leitura. Comparar o conceito de estratégia a outros como habilidade, destreza, técnica ou procedimento é para a autora uma comparação muito rasa, ou que é pior, muito técnica. Valls (1990, *apud* SOLÉ, 1998, p. 69) se aprofunda no conceito e declara que:

A estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, á medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos.

Ao que se pode ver a autora não aceita a definição técnica, posto que um termo técnico não atende aos objetivos, ou melhor, a consciência dos objetivos e a eleição de metas não cabem no conceito técnico e enrijecido como procedimento ou destreza. A mesma acredita que uma das características das estratégias é o fato de que não detalham nem prescrevem totalmente o curso de uma ação. Sua potencialidade reside justamente nisso, no fato de serem independente de um âmbito particular e poderem se generalizar; em contrapartida, sua aplicação correta exigirá sua contextualização para o problema concreto.

Quando esse conceito vem acompanhado de outro, no caso leitura, temos a aí o desafio da construção de um novo conceito, que para Solé (1998) deve sempre ser tomado dentro de um contexto, do contrário podemos perder a sua essência ou descaracteriza-lo para o uso pedagógico. Koch (2002, p. 50) comunga desse mesmo pensamento ao conceituar estratégia como: “Uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”.

Os estudos de Solé (1998) apresentam as estratégias de leitura como proposições para o ensino da leitura que fazem com que a nossa missão de ser ponte entre aluno e texto se torne mais prazerosa e eficiente, na medida em que nos mostra certos aspectos de processamento da leitura, essenciais para a sua compreensão, que se tornam mais possíveis e visíveis aos nossos olhos e aos olhos dos nossos alunos, já que são estratégias bem claras de como proceder para uma melhor interação com o texto.

Dentre outras possibilidades mostradas pela autora, podemos destacar estratégias como sendo “procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.” (p.70) Desse modo, as estratégias de leitura merecem destaque na medida em que permite não só o planejamento pautado em objetivos, como também uma reflexão acerca da execução desse planejamento, ou seja, permite saber se as

competências almejadas foram desenvolvidas com êxito ou não, e conseqüentemente, o que devemos mudar ou melhorar em uma aula de leitura.

Vale ressaltar também que as estratégias de leitura não são uma ferramenta apenas de uso do professor, os alunos devem estar abertos a esse modo de aprendizagem, bem como ativar seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida, o que vai contribuir de maneira substancial para a atribuição de significados ao postulado no texto. Conforme Solé (1998, p. 72):

Quem lê deve ser capaz de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para contextos diferentes.

Isto posto, destacamos a importância da atitude responsiva do leitor diante do texto, sua motivação e vontade de querer aprender, de querer atuar e refletir sobre o que lê, pois de nada adianta a utilização de variadas estratégias, de gêneros diferentes se o aluno, principal alvo, não estiver ou estiver pouco interessado em aprender.

Nesse sentido, o professor deve servir de modelo e o aluno deve estar disposto a participar ativamente desse processo, e para conseguir a adesão do aluno o professor deve motivá-los, fazer com que ele se sinta seguro, se sinta capaz de aprender, como ressalta a autora (p.93): “Para que a criança se sinta envolvida na tarefa de leitura ou simplesmente para que se sinta motivada em relação a ela, precisa ter alguns indícios razoáveis de que sua atuação será eficaz ou pelo menos, que ela não vai consistir em um desastre total”. Sendo assim, deve haver uma relação de afetividade entre professor e aluno para que este se note confortável em expor sua opinião e não tenha medo de interagir temendo ser constrangido pelo outro quando suas aceções não estiverem de acordo com o esperado.

Não cabe aqui enumerar estratégias, nem falar exaustivamente sobre esse assunto, queremos apenas nortear o leitor acerca desse processo para então chegarmos a experiência vivenciada em uma aula de leitura numa turma em que leciono. E vamos a ela!

3 - LEITURA PROTOCOLADA: UMA PRÁTICA QUE DEU CERTO

Após várias discussões sobre o ensino de leitura na disciplina Texto e Ensino do Mestrado Profissional em Letras e estudo de alguns teóricos que tratam do assunto, bem como levando em consideração o público com o qual trabalhamos – do 6º ao 9º ano – e as dificuldades que temos enfrentado em motivá-los e inseri-los no mundo da leitura, é que sempre temos procurado estratégias que levem a uma satisfação em aprender a ler com eficiência.

A experiência que ora apresentamos se deu no 9º ano. Folheando a revista “Na ponta do lápis”, que é destinada a professores de Língua Portuguesa que trabalham com a Olimpíada de Língua Portuguesa que é de iniciativa do Ministério da Educação – MEC e Itaú Social, deparamo-nos com um artigo de Magda Soares intitulado “Ensinar a leitura lendo” na qual mostrava uma estratégia de leitura que a mesma denominava de “Leitura protocolada” que consiste em estimular a leitura por partes, intercalando a leitura com paradas estratégicas em trechos específicos do texto e questionando os alunos de modo a atizar a curiosidade, além disso promovendo a análise dos trechos lidos.

Inicialmente, fizemos *slides* com o texto sugerido na revista – Catástrofe, escrito por Luís Junqueira Vilela – e as perguntas acerca do texto por partes, como prescrevia a revista. Apresentamos os slides para a turma, e de início os alunos se mostraram um pouco tímidos em se expressar, fazer previsões sobre o texto, mas aos poucos se sentiram à vontade para se expressar e disputavam a vez para dar suas opiniões. A partir de suas colocações, novas perguntas e debates surgiram tornando a aula de leitura um espaço motivador, participativo e dialógico. Ao término da aula todos haviam participado e compreendido os propósitos do texto, e o mais importante demonstraram satisfação na prática da leitura. E os bons frutos não pararam por aí, ao finalizarmos a aula alguns alunos nos abordaram para dizer que tinham adorado a aula e pedir que repetíssemos aquele modo de trabalhar com leitura. Isto nos impulsionou a trazer outros textos e aplicar essa estratégia, o que foi feito sempre com grande satisfação por parte dos alunos que demonstravam sempre entusiasmo e gosto pelo hábito leitura.

Desse modo, consideramos que foi uma rica e valorosa experiência, pois sentimos que os alunos estavam aprendendo de forma prazerosa. Eles sentiram-se provocados pelo texto e pela estratégia aplicada e responderam positivamente a esse desafio, fazendo válidas as palavras de Solé (1998, p. 91), quando diz: “Um fator que sem dúvida contribui para o interesse da leitura de um determinado material consiste em que este possa oferecer aos alunos certos desafios”. Com isso, podemos dizer que quando o professor busca meios em que o aluno se veja como um ser capaz de se pronunciar, de fazer inferências, de descobrir o texto,

ele sentirá mais prazer em aprender e, conseqüentemente, vai querer continuar a vivenciar esses momentos, vai querer mergulhar no mundo da leitura e desvendar seus encantos.

CONCLUSÃO

A experiência com a estratégia de leitura protocolada não deixou dúvida de que a leitura é um caminho essencial para a informação e, principalmente, para o desenvolvimento do educando, porém nem sempre essa é uma das tarefas mais fáceis, pois apresenta dificuldades e propõe muitos desafios, que precisam ser superados e que exige não só dos educadores, mas também dos pais e dos próprios alunos, não apenas boa vontade, mas também motivação e acompanhamento constantes.

Tentar superar essas barreiras é a meta prioritária para os que são comprometidos com uma educação de qualidade. Com esse novo olhar, queremos ajudar a mudar o rumo da história de cada educando, fazendo-o entender que quem lê ultrapassa os limites do tempo e se permite uma viagem de prazer indescritível, visto que a leitura é uma experiência pessoal, inigualável.

A nossa aposta é que a participação ativa do professor para o desenvolvimento da leitura é um dos pontos mais importantes para a formação do leitor, na medida em que está em suas mãos o poder de instigar os alunos e se utilizar das mais variadas estratégias para conseguir a adesão daqueles que por um motivo ou outro não tiveram a oportunidade de usufruir de práticas de leituras atraentes.

É importante que o texto seja tratado como arte e para isso é preciso que o professor entre em contato com textos de qualidade que desenvolva a sensibilidade em seus alunos, estimulando o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas.

O professor, ao proporcionar o encontro entre aluno e leitura utilizando-se de uma metodologia adequada, contribui para que o leitor teça, a partir de cada leitura, o significado com as demais leituras com que se depara ao longo da vida e assim se torne um leitor ativo e conseqüentemente um cidadão consciente do seu papel na vida em sociedade. Portanto ao proporcionar esses momentos e o despertar para o gosto pela leitura, não está se favorecendo o crescimento apenas do aluno, mas do cidadão para o pleno exercício de sua cidadania.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. Literatura e Educação: Diálogos. In PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; CORRÊA, H.; VERSIANI, Z. (Orgs.). **Literatura Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

AZEVEDO, J. L. **A educação como política pública**. São Paulo: Autores associados, 2004.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O. (orgs.) **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CARVALHO, B. V. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6 ed. São Paulo: Global, 1989.

COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura Infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15 ed. São Paulo: Pontes, 2013.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível, e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORIN, E. **Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EDUFRN, 1999.

NA PONTA DO LÁPIS. São Paulo: AGWM. Ano IX, n. 22, ago. 2013.

RANGEL, J. N. M. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.